

FESTIVAL ESTIDANTIL DE TEATRO – FETO 2015

Crítica do espetáculo Intermitentes ou vai e vem – outubro de 2015

Por kil Abreu¹

kil.abreu@uol.com.br

Cada leitor só pode ler com seus próprios olhos e repertório. E então os tipos de “Intermitentes ou Vai Vem”, do Teatro & Cidade - Núcleo de pesquisa cênica, me pareceram francamente, por um momento, próximos dos “Buchudos”, figuras espontâneas de um ‘boi de máscaras’ que surge em um carnaval popular que sai em certa época às ruas de Santo Antonio de Odivelas, no interior do Pará. Sobre estes vimos há uns anos um trabalho muito, muito parecido com o dos mineiros, levantado como exercício pelo pessoal da Unama (Universidade da Amazônia), de Belém.

Eu dizia que estas máscaras (máscaras no sentido total da figura viva do brincante) são tipos nascidos salvo engano de tradição popular e com vocação para o jogo livre e lúdico com o meio e com as pessoas, em uma amostragem do que seria uma espécie de teatralidade original, no sentido da origem, de um teatro talvez pré-dramático, em que não se distinguem ainda coisas estruturais da cena dramática como fábula, personagens, etc. Uma teatralidade primeira, então, em que as convenções são relativamente libertas de formalismos e se baseiam na atitude humorada, simples, e na provocação gratuita, pelo uso da máscara e da indumentária.

Como é exemplar neste trabalho dos mineiros, não se espera deles nem mesmo aquele apelo narrativo da cultura popular tradicional, estilizado na idéia de “enredo” dos carnavais modernos. Porque eles nos chegam como uma manifestação espontânea, ainda não hierarquizada, em que o objetivo é provocar a empatia por meio do estranhamento alegre. A caracterização abre espaço, inusualmente, em um meio cuja rotina, ainda que tumultuada, como esta do centro de uma cidade grande como Belo Horizonte, tem lá seus rituais diários, quebrados com a chegada dessas figuras adoravelmente estranhas (“adoravelmente” não para todos, é verdade).

Na origem essas caras têm neste seu acontecer quase ingênuo a função de promover a liga, o vínculo comunitário. Talvez se possa dizer que o interesse por este tipo de manifestação, quando reproduzido na cena contemporânea, é tributário de certa nostalgia em relação a estas origens. Para nós, homens informados por um imaginário urbano complicado e hiper-informado, estas escolhas, às vezes mais, às vezes menos idealizadas, tematizam o lugar de uma falta, de um tipo de vínculo quase sempre já perdido entre nós, que a re-apresentação de caracteres como os “buchudos” ou estes seres do “Vai e Vem”

¹ Kil Abreu - (Belém/PA) é jornalista, crítico, curador e pesquisador do teatro, pós-graduado em Artes pela Universidade de São Paulo (USP). Foi Crítico do Jornal Folha de São Paulo e da revista “Bravo! ”. Dirigiu o departamento de Teatro da Secretaria Municipal de Cultura/SP e foi curador de alguns dos principais festivais de teatro do país. Por dez anos foi professor e coordenador pedagógico da Escola Livre de Teatro de Santo André e por oito jurado do prêmio Shell/SP. Atualmente é curador de teatro do Centro Cultural São Paulo.

nos lembram, em uma espécie de consolar festivo, terno, que nos alerta sobre o corre corre diário e a anomia.

Em que pese o empenho e o capricho na construção física e na caracterização visual dos tipos, o grupo mineiro ressentiu-se evidentemente com o deslocamento do espaço original para o 'centrão' de BH. Aquilo que, segundo se intui, era para funcionar como uma intervenção desavisada, em relação mais íntima com cada passante, de repente ganhou o contorno de “teatro de rua”, coisa sobre a qual se articula uma expectativa a que o grupo não poderia responder porque não é este o propósito: a de algo, senão espetacular, que se desdobrasse em algum tipo de narrativa.

De qualquer maneira, em tempo no qual a dureza dos dias nos aliena profundamente e nos faz ilhas no meio da multidão, mesmo com esse deslocamento - que deve ter sido uma experiência incrível para o grupo – foi possível verificar (e viver) momentaneamente que seja, aquele efeito de “re-união” que um trabalho como este provoca, colocando-se no meio da rua como ponto focal para o nosso olhar estranhado – às vezes afetivo, às vezes indiferente, às vezes até mesmo violento; mas sempre provocado por um algo fora da ordem em uma sociedade que nos ordena e disciplina a cada momento.